BRASIL-PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1905 N.º 149

TRES RAINHAS

Cliché Benoliel. NO PAÇO DE CINTRA

Rainha Alexandra — Rainha Maria Amelia — Rainha Maria Pia

Visitas régias

Alguns dias decorridos em menos de duas semanas ficarão a assignalar durante seculos a historia portugueza d'este tempo. A rainha de Inglaterra, imperatriz das Indias e o imperador da Allemanha, rei da Prussia, vieram com a sua presença abrir um largo horisonte na politica internacional e honrar de uma forma eloquente a sociedade portugueza. Por entre festas e ovações em que foram sobrepujadas ainda as manifestações officiaes pelas acclamações populares, recebeu Lisboa, com um intervallo de poucos dias, a graciosa, gentil e poderosa soberana do maior imperio territorial do mundo e a figura suggestiva e dominadora, já quasi a tocar as raias da lenda, do imperador Guilherme II, chefe da mais extraordinaria potencia militar da Europa. Vieram um e outro lançar n'uma phase nova a vida portugueza, como se fosse necessaria a demonstração de que o paiz dos navegadores, como Vasco da Gama, e dos conquistadores, como Affonso d'Albuquerque, ainda tinha pêso na balança europêa e era um factor tão importante para o desenvolvimento da civilisação moderna como o fôra, ha alguns centenares de annos, para dilatar o mundo e propagar por todo elle o abençoado fructo das suas aventuras, dos seus heroismos, o genio e a grandeza da sua raça.

No dia da chegada (22-3-1905)
A Rainha D. Amelia esperando a Rainha Alexandra no Caes das Columnas

Clichés Bensliel. *A Rainha D. Maria Pia, Duqueza de Palmella e damas no pavilhão do Caes das Columnas*

A visita da graciosa soberana coroou maravilhosamente a visita de Eduardo VII e ás acclamações e *hurrahs* com que os seis milhões de habitantes da capital de Inglaterra saudaram e acolheram a' presença do rei e da rainha de Portugal, corresponderam, como um ecco festivo e sonoro os *hurrahs* e as acclamações com que a população de Lisboa recebeu a rainha da Grã-Bretanha. Se alguem tivesse posto em duvida a estabilidade e o valor da alliança entre as duas nações, a penultima semana decorrida, trazia a prova real a prova eloquentissima de que essa alliança estava para todo o sempre radicada nos corações e nos espiritos e que é uma garantia, sem duvida superior áquella que se pode exigir a todas as chancellarias. Foram palmas expontaneas, foram *hurrahs* sinceros, foram vivas conscientes, foi enthusiasmo unanime o que saiu de todas as mãos e de todos os labios quando pelas ruas de Lisboa passava sobre montões de flores, sob uma chuva de camelias e de violetas a esposa de Eduardo VII. Pelas bocas das espingardas e dos canhões, pelos *hurrahs* dos marinheiros trepados ás vergas, pelo brilho metallico e refulgente das espadas do nosso exercito desembainhadas em continencia á passagem do régio cortejo, pelas fardas ostentosas e condecorações em exhibição, pelas pompas da recepção real, fez-se tudo quanto se podia officialmente fazer para officialmente se authenticar essa alliança. Mas tudo isso seria desvalioso e nullo se não viesse mais uma vez a alma popular sanccional-a com a sua approvação espontanea, effusiva, delirante, e, o que é mais, cordealissima. Quando ao ver, deslumbrada, nos pittorescos jardins da Pena, massiços de camelias brancas, a graciosa rainha comparou a brancura d'ellas á alma candida do nosso povo, teve a noção sentida da verdade que a natureza lhe offereceu n'um dos seus mais encantadores aspectos. E' que o povo portuguez que vira em Eduardo VII a personalisação da bondade, realçada ainda pelos apanagios da grandeza social, comprehendera e sentira que, deante da rainha Alexandra, estava em presença das virtudes mais sublimadas, das qualidades mais nobres, dos attributos mais suggestivos e bellos da Mulher. E na sua nativa e maravilhosa intuição, comprehendeu de relance que alliados d'esta natureza, tão ricos de prendas de caracter e de virtudes moraes mais eram para amar do que para temer. Em um mo-

Cliché A. Lima. *No Caes das Columnas. — O Pavilhão real*

O desembarque no Caes das Columnas

mento fundiu e consubstanciou n'essas duas sympathicas individualidades a Inglaterra inteira, com toda a sua força, com todo o seu poderio. Em um momento se sentiu honrado, fortalecido e envaidado com a alliança. Diziam-lhe os politicos e os diplomatas que ella era um auxiliar da nossa força, um escudo á nossa soberania, uma garantia da nossa independencia. Hesitou a principio em acreditál-o por lhe parecer que era aviso prudente a fabula do lobo e do cordeiro. Recordava-se bem de que em um momento historico, talvez de justificado mau humor, que circumstancias de diversa natureza tinham preparado, lançara um grito de revolta e de protesto contra o que julgara ser uma usurpação da nação alliada porque era a mais forte. Mas quinze annos decorreram e durante elles raros dias se passaram sem que a Inglaterra, a forte, a grande, a poderosa deixasse de escolher o ensejo para uma attenção, para uma cortezia, para uma gentileza. Era ella, entre todas as nações da Europa, a que nos distinguia, a que nos levantava, aquella que rehabilitava o nosso credito. E como se tantas demonstrações não bastassem desde a ratificação dos tratados até um tratado de arbitragem, a visita a Portugal do rei e agora da rainha, da Grã-Bretanha, por completo dissipava todas as duvidas, estreitava todos os laços e fundia todos os corações. D'ahi o acolhimento festivo, o acolhimento carinhoso, delirante, de uma população inteira, d'ahi esse delicado sentimento da *saudade* que deixou em todos os portuguezes a rainha Alexandra.

* * *

Foi a primeira vez que Portugal recebeu a visita de um chefe da nação allemã. E a Providencia das nações pequenas, mas gloriosas, de tal modo foi para nós prodiga de generosidade que nos deparou n'este momento aquelle em cuja cabeça coroada, se ostenta o diadema de todas as grandezas, de todas as joias, de todas a scintillações do espirito humano.

Não aponta a historia nenhum outro chefe do Estado que na sua personalidade conglobe tamanho numero de predicados e aptidões.

Qualquer lado por onde se observe e aprecie a complexa individualidade do soberano allemão, deixa, ou deslumbramentos no olhar, ou perturbações no espirito. E' que este homem ainda moço teve a extraordinaria visão de que na sua personalidade se devia consubstanciar um dia a Allemanha, a Allemanha inteira, a Allemanha que estuda, a Allemanha que pensa, a Allemanha que sente, a Allemanha que combate, a Allemanha que crê, a Allemanha que domina, a Allemanha que trabalha, a Allemanha que inventa. E, na posse do mando, no apogeu da hierarchia magestatica, eil-o, emissario do céo, enviado de Deus, senhor da Allemanha a desdobrar por todo o Imperio a pasmosa actividade do seu cerebro. Eil-o a refundir religiões, a commandar exercitos, a escrever poemetos, a orientar artistas, a fazer arte, pintura, esculptura, musica, maestro e libretista, escriptor correcto e orador consummado, impulsionador de todas as industrias, amigo de todos os sabios, educador por excelleucia, chefe de familia exemplarissimo e, acima de tudo, fazendo pairar sobre a preoccupação dominante de engrandecer cada vez mais o exercito da Allemanha e de rivalisar um dia, em breve, com o poderio maritimo da Inglaterra, o pensamento absorvente innabalavel de manter a paz. Para o quebrar, para contrariar essa constante propaganda só a hypothese de uma grave injuria á Allemanha poderia movel-o. Se o não foi devia ter sido creada por elle a phrase consagrada:

"Si vis pacem, pára bellum.,

Ora todo este nucleo de espantosas qualidades, abrangendo todas as que vão da vontade energica e imperiosa ás da mais vasta intellectualidade, todo este assombro de auctoritarismo e de phantasia, de sensibilidade artistica e de poder dominativo, são de sobejo conhecidos em Portugal desde que Guilherme II começou pelos seus actos a assombrar a Europa e o mundo. D'ahi a impressão enorme que causou entre nós a primeira noticia da sua vinda a Lisboa. A primeira idéa que todos nós tivemos é que era falsa e que algum *blagueur* de bom gosto se divertia a mystificar-nos. Parecia-nos que Portugal era pequeno de mais para conter vulto tão grande, mas a pouco trecho o boato confirmou-se e pelas 3 horas precisas do dia 27 do mez passado, entrava a barra de Lisboa, escoltado por um cruzador, o navio imperial que nos trazia em pessoa a quasi fabulosa figura de Guilherme da Allemanha.

Honrando-o pela forma ao mesmo tempo grandiosa e emocionante com que Lisboa recebeu o Imperador a cidade dignificou-se e traduziu na sua justa medida o sentir nacional.

Guilherme II deve ter a esta hora a certeza de que, apezar da pequenez territorial, é grande o paiz que comprehende as grandes coisas, acolhe com enthusiasmo os grandes homens e cheio de aspirações vastas e justas caminha para um ideal.

Politicamente alliados com a Inglaterra não é por isso menos util uma leal cooperação de affectos e de interesses com a Allemanha. E se algum sacrificio a nação tivesse que fazer para acolher grandiosamente o Imperador da Allemanha acharia compensação de sobejo nas palavras soblimes por elle proferidas na Sociedade de Geographia de Lisboa que vieram radicar uma velha amisade e abrir talvez uma esperança no futuro colonial de Portugal.

O carro que nos conduz mais rapidamente á celebridade — é o carro funerario.

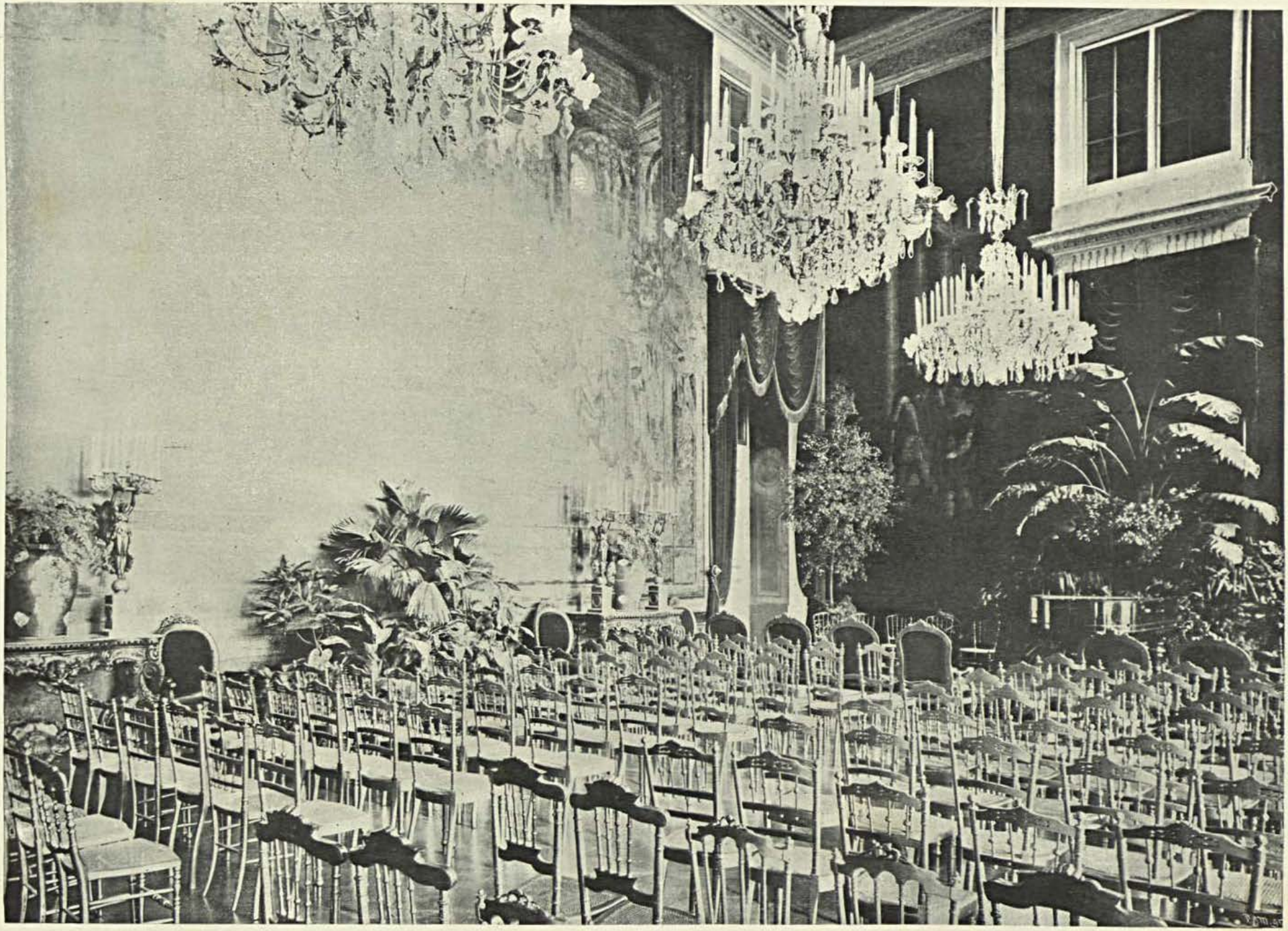
BERLIOZ.

Clichés Benoliel. *Carruagem da corôa. — A caminho do paço. — As duas Rainhas.*

Guilherme II

Imperador da Allemanha e Rei da Prussia

REAL PAÇO DA AJUDA



Cliché Benoliel.

Salão em que se realisaram os concertos dados em honra da Rainha Alexandra e do Imperador Guilherme II, em 22-3-905

No Aterro. — Marquez Soveral esperando o cortejo

Politica internacional

Exactamente quando estavamos a concluir a nossa revista anterior chegavam a Lisboa as primeiras noticias de uma grande batalha, que se estava ferindo ao sul de Mukden, e que pelo desenvolvimento que ia tomando parecia dever ser a batalha decisiva da guerra actual.

Os telegrammas, que chegavam, davam a impressão que traduziamos nas seguintes palavras, que d'essa revista transcrevemos:

"No momento de terminar este artigo chega-nos a noticia, por ora ainda incompleta de um grande desastre russo na Mandchuria. Se são verdadeiros os pormenores que o telegrapho nos transmitte, trata-se não já de uma derrota mais ou menos grave do exercito de Kuropatkin, como as de Liau Yang e Shaho, mas de uma catastrophe militar sem precedentes na historia. Fala-se na tomada de quasi toda a artilheria aos russos, em dezenas de milhares de prisioneiros feitos pelos japonezes, em corpos inteiros do exercito moscovita cercados e obrigados a capitularem, n'uma debandada completa das tropas que defendiam Mukden, na tomada d'esta cidade pelo marechal Oyama, em perdas collossaes de gente sobretudo no exercito de Kuropatkin, que, a ser verdade o que as agencias nos dizem, se dissolveu, continuando na perseguição dos ultimos restos d'elle as tropas victoriosas do Mikado. O que ha de exageração em tudo isto? E' o que dentro em pouco se saberá. Por muito que estivessemos já habituados ás constantes victorias dos japonezes e ás não menos constantes derrotas russas, é de tal modo extraordinario, quasi incrivel, o que a respeito da ultima batalha se relata, que esperamos a confirmação dos primeiros telegrammas, por ora bastante confusos e contradictorios. Que Mukden caiu em poder dos japonezes não ha duvida; que os russos por consequencia soffreram um grave revez militar, é tambem certo. Mas assumiu este revez as proporções da tremenda catastrophe de que os telegrammas nos falam?,

Dentro em pouco se saberá.

* * *

O que está confirmado até agora d'esta serie de noticias sensacionaes a respeito da ultima batalha? Quasi tudo, infelizmente para os russos. Não só Mukden cahiu em poder dos japonezes, mas tambem Tien-Ling, grande praça fortificada para onde os restos do exercito de Kuropatkin se tinham retirado, e onde soffreram nova derrota, deixando em poder do inimigo numerosos prisioneiros, incalculavel quantidade de munições e sessenta canhões. Além d'isso a perseguição continua ainda, esforçando-se as tropas russas, que se poderam salvar da catastrophe, por attingir Kharbin para onde se dirigem, mas que provavelmente não poderão alcançar por falta de mantimentos e munições. Mesmo que a alcancem, porém, será para alli succumbirem, porque as tropas japonezas, muito mais numerosas e animadas além d'isso pela victoria, tambem para lá se dirigem e pelo que se vê não estão dispostas a deixar um momento de repouso aos vencidos, até que estes se tenham até ao ultimo submettido ou deixado aniquilar. De modo que por este lado não eram as primeiras noticias exageradas. Bem pelo contrario! Tambem o que até agora se sabe a respeito das perdas do exercito russo confirma, se não excede, o que desde o primeiro momento se contou. Mais de cincoenta mil prisioneiros e perto de cem mil entre mortos e feridos, além do abandono de uns quinhentos canhões, conforme as proprias noticias de S. Petersburgo, e de comboios inteiros e depositos de munições e de viveres dizem bem o que foi este desastre sem par na historia, desastre ao lado do qual as derrotas dos francezes em 1870, incluindo o proprio Sédan, parecem simples brinquedos de crianças.

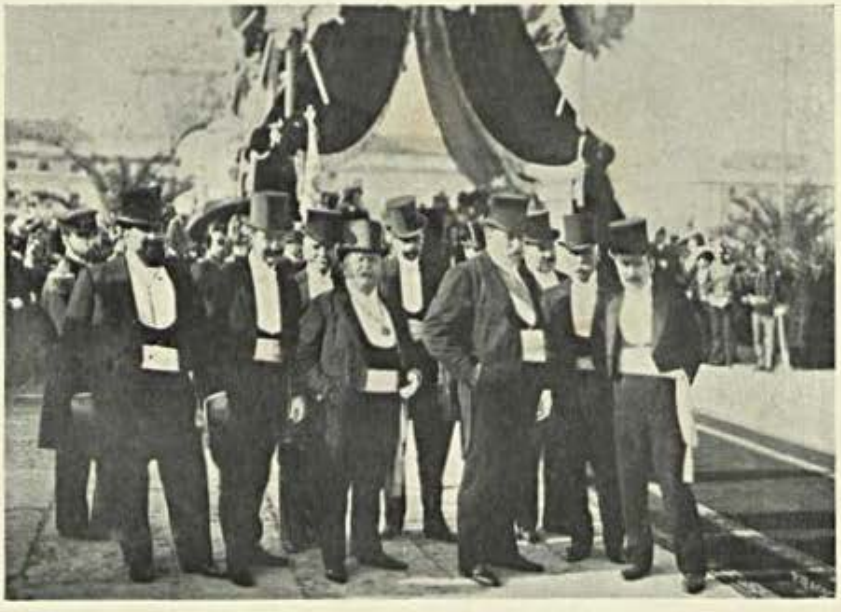
Chegada ao Caes das Columnas

* * *

Ha sobretudo dois factos que, melhor do que quaesquer commentarios ou descripções, põem em relevo toda a importancia estratagica e moral da batalha

Clichés de A. Lima.

No Terreiro do Paço. — Aspirantes de marinha



Cliché Benoliel. *Vereadores da Camara municipal no Terreiro do Paço*

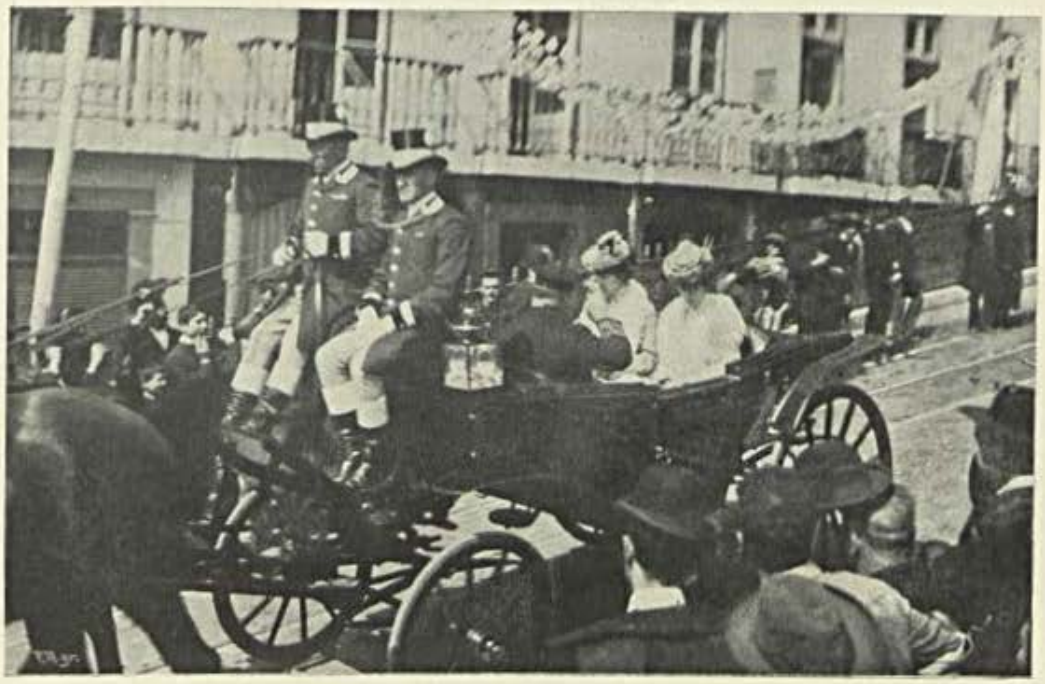
perdida pelos russos. Estes factos são — a retirada para Kharbin, e a demissão de Kuropatkin do seu posto de generalissimo.

A retirada para Kharbin põe a claro o estado de enfraquecimento do exercito russo, o qual depois de ter perdido successivamente Mukden e Tienling, como base de operações, se vê obrigado a retirar para os confins da Mandchuria, sob a encarniçada perseguição dos japonezes, que não cessa. Para que tal resultado fosse possivel, era indispensavel não só que os russos tivessem perdido a batalha, mas tambem que os restos do exercito de Kuropatkin de tal maneira ficassem destroçados, que deixassem de ser uma ameaça para os japonezes. Só assim se explica o ardor com que Oyama vae internando em direcção ao norte o seu exercito, elle de ordinario tão prudente, que mesmo depois das esplendidas victorias de Lyao-Yang e do Cha-Ho, renunciou por excesso de precaução á perseguição do exercito derrotado. E' porque d'esta vez o exercito russo da Mandchuria deixou virtualmente de existir. Não se trata de uma retirada que, depois do desastre, o vae levando a são e salvo para posições mais seguras. Está-se em presença de uma debandada, de um "salve se quem podér,, a que não póde pôr termo nem a estoica coragem dos pobres soldados, cuja bravura e resignação eram dignas de melhor sorte e de... melhores chefes. Não admira, pois, perante estes resultados que de Tokio digam, considerar-se ali como decisiva a batalha de Mukden.

O segundo facto a que nos referimos e que põe bem a claro a importancia moral da victoria ganha pelas tropas do Mikado, é a demissão de Kuropatkin de generalissimo do exercito da Mandchuria. E' fora de toda a duvida que esta demissão, dada seccamente, quando ainda, póde dizer-se, a batalha não estava terminada, accentúa de modo innegavel a derrota do general russo. Tirar o commando ao chefe de um exercito vencido constitue sempre deliberação grave, que não deve ser tomada sem madura ponderação de todas as circumstancias. No caso presente affigura-se similhante deliberação gravissima, pelas consequencias que póde ter para o moral das tropas.

Não ha duvida que pelo que fez e pelo que deixou de fazer, o general Kuropatkin não se mostrou á altura do que d'elle esperavam os seus amigos e admiradores. Sobretudo a inacção de quatro mezes deante de Mukden não se explica facilmente, pois se não se achava em força bastante para atacar ou para resistir devia ter-se retirado a tempo, quando o podia fazer a são e salvo, sem ser incommodado pelo inimigo. Mas por isso mesmo que o erro de estrategia é tão grave e tão indisculpavel, repugna-nos attribuil-o apenas a incompetencia. Não haverá razões occultas, desconhecidas até hoje do publico, que sejam em parte responsaveis pela inacção de Kuropatkin? Teria elle recebido todos os reforços, que se dizia haverem-lhe sido enviados? Teria elle tido as munições de que carecia? Teria elle tido a liberdade de acção indispensavel para poder operar como entendesse, ou estaria sujeito a proceder conforme o santo e a sanha que recebesse de S. Petersburgo? Perguntas são estas a que só o futuro poderá cabalmente responder.

E depois como se explica que havendo sido demittido de generalissimo passe Kuropatkin a commandar um corpo de exercito, sob as ordens de Linievitch, seu subordinado? E' uma situação tão singular e unica, que difficilmente encontrará egual na historia militar de qualquer outro paiz. Já uma vez o escrevemos logo no principio da guerra e com maior convicção o repetimos hoje: as principaes culpas de Kuropatkin não são como general em chefe. Que podia elle effectivamente fazer com um exercito mal preparado, sem os effectivos necessarios, com armamento inferior, dependente em absoluto de uma unica via de communicação, e sujeito além d'isso á orientação que de S. Petersburgo lhe impunham? Qualquer outro general em seu logar teria succumbido como elle succumbiu. A principal responsabilidade de Kuropatkin nos desastres militares da Russia é como ministro da guerra. E' n'esta qualidade que as suas culpas não tem remissão. Durante os annos, que precederam o actual conflicto com o Japão, Kuropatkin foi, como ministro, o chefe supremo do exercito. Como aproveitou este tempo? Deixando as forças de terra na desorganisação, de que os actuaes desastres são o logico resultado. Mais ainda. Pouco tempo antes da guerra estalar foi elle officialmente em inspecção ás fortalezas do Extremo-Oriente, a Vladivostok e a Porto Arthur. Depois visitou o Japão, esteve em Tokio, onde parece que alguma cousa devia ter visto do que ahi se preparava. Pois nada viu. Na Mandchuria parece que achou tudo em ordem, quando de facto tudo faltava, como depois se averiguou quando as hostilidades principiaram. Por outro lado no Japão continuou a ver apenas os ridiculos macacos, de que se riam os seus compatriotas. E tão completa era a respeito da superioridade militar da Russia a sua convicção, que ao tomar o commando do



El-Rei e as Princezas Maud e Victoria no dia em que desembarcaram (23-3-1905)

Clichés Benoliel. *Passeio a Cintra. — Saida das Necessidades. Condessas de Autrim e de Figueiró*

Cliché Benoliel.

No Paço de Cintra. — Condessa de Figueiró, Rainha D. Amelia, Condessa de Seisal

exercito da Mandchuria, declarou que só em Tokio, no palacio do Mikado, assignaria paz.

São estas culpas do ministro, que não soube nem organisar nem prevêr, as que agora está expiando o general em chefe, victima da sua propria imprevidencia...

* * *

E o que vae succeder agora? Officialmente diz-se de S. Petersburgo que a guerra continuará com novo vigor, devendo mobilisar-se um exercito de 500 000 homens, que partirá para a Mandchuria com a missão de preparar a desforra. Para o logar de generalissimo, vago pela demissão de Kuropatkin e interinamente exercido pelo general Linievitch, foi nomeado o gran-duque Alexis Mikhailovitch. A esquadra do almirante Rojdestvensky recebeu ordens confidenciaes e partiu, diz-se, com destino desconhecido, que no entretanto não é a caminho da Europa. Pois apesar de todas estas emfaticas affirmações, emfaticas até de mais para serem sinceras, começa a radicar-se a convicção não só na Europa, mas até na propria Russia, de que se caminha para a paz. A batalha de Mukden terminou virtualmente a guerra. O exercito russo da Mandchuria está desorganisado e não poderá oppôr-se nem á tomada de Kharbin nem ao investimento e portanto á queda de Vladivostok. N'estes termos para que prolongar uma lucta, que por agora não póde trazer á Russia senão novos desastres? A paz impõe-se como um grande dever de humanidade e uma indispensavel medida de salvação publica para o imperio do tsar.

CONSIGLIERI PEDROSO.

As nossas gravuras

O *Brasil-Portugal* consagra todo este numero ás visitas a Portugal da Rainha de Inglaterra e do Imperador da Allemanha. Põe de parte todos os assumptos e segue passo a passo os nossos regios hospedes, reproduzindo pela gravura os trechos mais curiosos da sua estada entre nós, colhidos em flagrante pelas objectivas dos nossos collaboradores photographicos.

Abrange assim o praso de 7 dias, de 22 a 28, e congloba todos os festejos e passeios, desde a chegada da Rainha Alexandra até aos exercicios militares no hyppodromo de Belem, em honra do Imperador.

Apresenta na primeira pagina um grupo nitido das tres Rainhas, e em pagina aberta um bello grupo (49 figuras) tendo no primeiro plano toda a familia real portugueza e a Rainha Alexandra. As demais gravuras representam aspectos do Tejo nos dias das chegadas dos dois soberanos, coches de gala, grupos de personagens em evidencia formaturas cortejos, embarque e desembarque das galeotas, ornamentações de ruas, em resumo tudo quanto de mais interessante poderia ser fixado nas paginas d'esta Revista, em que as minudencias de reportagem não teem cabida. O *Brasil-Portugal* limita-se a mencionar quatro datas importantes:

Chegada da Rainha Alexandra — 22 de março;

Partida — 25 de março.

Chegada do Imperador Guilherme — 27 de março;

Partida — 30 de março de 1905.

*

Durante uns poucos dias de festa rija, a cidade, reforçada por mais de 80 mil pessoas que a provincia lhe enviou, viveu na rua, em magotes, esmagando-se no apertão, os photographos não dormiram, e o elemento official mal teve tempo para se engalanar. Uma febre de folia invadiu todos os cerebros e deixou extenuados todos os corpos. Lisboa perdeu o seu aspecto severo, semi-peralta, semi-conselheiro grave, e animou-se, riu, soletrou enlevada o *Welcome* erguido aos olhos da Imperatriz das Indias, e o *Willkommen* que o substituiu nos postes e nas illuminações.

Lisboa fez-se garrida, desfraldou as insignias dos dois paizes do Norte, enthusiasmou-se, subiu aos telhados e ás arvores, desceu ás praças para ver, abriu alas respeitosamente e deu palmas. E sempre sorrindo, sempre urbana, acompanhou os seus hospedes ao caes do embarque, em saudações que ficarão bem presas na memoria dos dois principes que a visitaram.

Com o ultimo navio que aproou á barra, Lisboa emudeceu n'um enternecimento de saudade talvez, voltou para ver o apear dos postes e o arriar dos galhardetes, e ficou-se parada n'uma espectativa triste.

Cliché Benoliel. *No Paço de Cintra. — Rainha Alexandra e Rainha D. Amelia*

Companhia de alumnos da Escola do exercito, commandada pelo cadete Rego Chaves, no dia da partida da Rainha

Reentrava nos eixos a vida do trabalho e das canceiras, abria-se o livro do ponto nas aulas e na burocracia, a provincia acenava aos retardados, e horas depois a cidade magica, ainda com resonancias de hymnos dolentes e de girandolas, cedia logar á velha cidade austera dos monumentos, pouco compativeis com luminarias e foguetes.

•

E' d'essa cidade feerica dos dias passados que o *Brasil-Portugal* reproduz notas gravadas a que apenas faltam os jorros do nosso sol de primavera, o aroma subtil das primeiras flores que se abrem, e pedaços limpidos do nosso céu azul.

Clichés A. Lima.

O embarque
El-Rei, Rainha Alexandra, Rainha D. Amelia e Principe de Dinamarca

CHRONICA

A amabilidade como a pragmatica tem tambem os seus inconvenientes. A's personalidades em fóco succede na vida real o que acontece aos personagens mais evidentes no theatro: quando se alheiam da *mise-en-scène* que a peça requer, produzem minimo effeito. Assim aos soberanos, que visitam um paiz extranho, faz um mal unico o quererem adaptar a sua personalidade aos usos e costumes da terra que pisam.

O imperador da Allemanha desembarcando em Lisboa, vestindo o uniforme de coronel de cavallaria portugueza, parece-se com toda a gente, deixa de ser o generalissimo germanico de capacete de azas de aguia, abstrae da sua qualidade de militar por excellencia, todo o aspecto quasi medieval com que a historia e os usos allemães nol-o apresentam, e surge-nos um officialsinho de cavallaria, muito simples, tão elegante como muitos outros, d'esses que a capital se acostumou a encontrar na Avenida.

Dentro d'esse uniforme nosso conhecido, sem encanto algum de novidade para os nossos olhos, creados e educados a topar a todo o momento com personagens vestidos assim, Guilherme II como Eduardo VII apparecem-nos demasiado vulgares para a nossa phantasia que os esculpira, a um Lohengrin magestoso, e a outro Imperador das Indias. Por isso, estamos em dizer que a gentileza, usada pelos soberanos, prejudica a sua apparição theatral.

Nunca melhor do que agora se percebeu a necessidade que esses personagens teem de se divinisar, aos olhos vulgares, para produzirem o effeito que devem.

Se, ha dias quando Lisboa em festa abriu alas n'essas ruas, para passar o cortejo solemne e rico que conduziu do Terreiro do Paço até Belem o herdeiro de Frederico o Grande, o Rei da Prussia, o Imperador da Allemanha, o soberano um tanto extranho e brilhante d'esse imperio colossal que é hoje ainda, com a sua poderosa organisação militar, o fiel da balança na paz europeia, de dentro d'esse magnifico coche D. João V, lhe tivesse apparecido a figura extranha de um Cezar, ricamente envergado n'um uniforme completamente extranho e novo, Guilherme II teria acordado na multidão que o esperava esse enthusiasmo espontaneo que costuma ser mixto de admiração e de pavor. E' possivel que o sentimento despertado na alma popular fosse menos sincero, mas seria com certeza mais grandioso.

Assim, o Imperador que Lisboa teve a honra de hospedar durante quatro dias, foi um visitante amabilissimo, um official *chic*, um principe *bon enfant*, mas perdeu todas as qualidades extraordinarias que fazem d'elle uma personalidade a um tempo temida e admirada, soberano *doublé* de pensador, e pensador que na direcção dos homens

Cliché Benoliel.

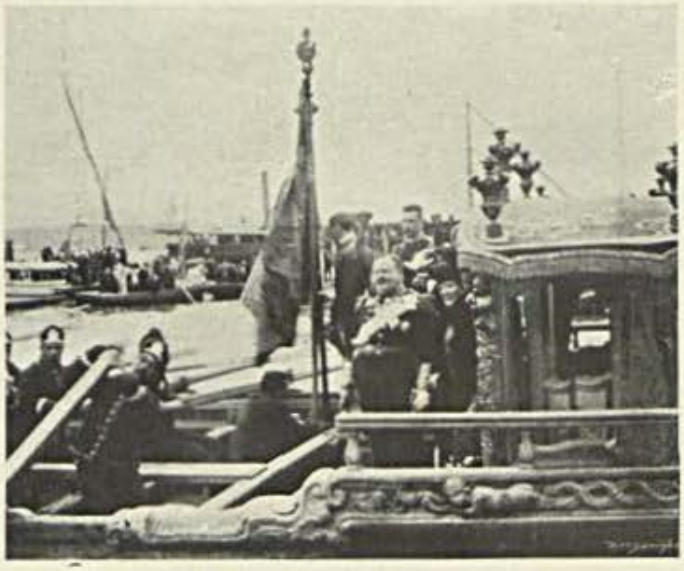
El-Rei D. Carlos e principe da Dinamarca ajudando a Rainha Alexandra a embarcar no bergantim real

A despedida
Rainha D. Maria Pia e Rainha Alexandra, abraçando-se

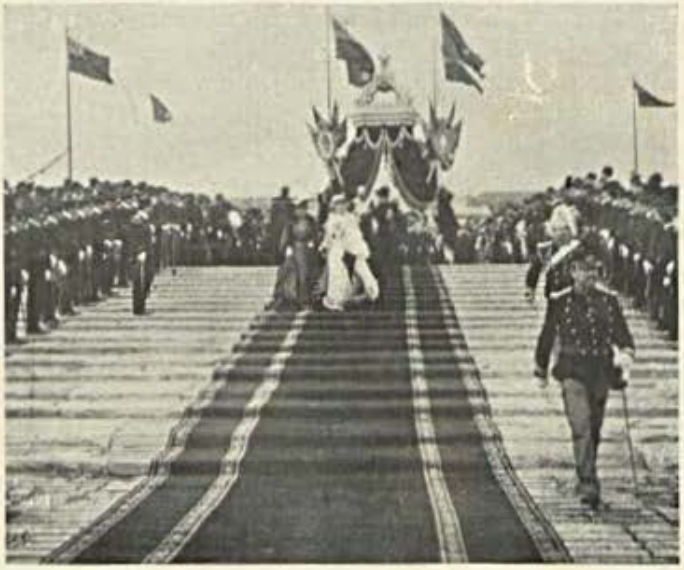
e das cousas se assemelha por vezes a um juiz incorruptivel dentro da sua toga sem mancha.

Cliché de Arnaldo Fonseca. *No Caes das Columnas*

Mas ha males que veem por bens. Para o commandante honorario de cavallaria 4, tudo estava a caracter, e tudo póde ter sido lisongeiro e agradavel, mesmo o que seria pouco e mesquinho para um chefe dos exercitos germanicos, para um philosopho que tenta dirigir a sciencia e a arte do seu paiz, com a mesma pericia com



Cliché A. Lima. *El Rei D. Carlos e Rainha Alexandra a bordo do bergantim. No dia da partida*



Cliché A. Lima. *A caminho do caes. Condessas de Figueiró e de Autrim*

Cliché de Arnaldo Fonseca. *Aspecto do Tejo*

Cliché de Arnaldo Fonseca. *Aspecto do Tejo.— O bergantim real*

Cliché de Arnaldo Fonseca. *No dia da partida. — No Caes das Columnas, Rainha D. Amelia e El-Rei*

Cliché de Arnaldo Fonseca. *El Rei e principe da Dinamarca, ajudando a Rainha Alexandra a embarcar no bergantim*

Clichés Benoliel. *Rainha D. Amelia*
No dia da partida da Rainha Alexandra

No Chiado, no dia da chegada
A redacção do «Dia»

NO REAL PAÇO DE CINTRA.—Depois do almoço offerecido á Rainha de Inglaterra pela Rainha Senhora D. Maria Pia

(Em 24 de março de 1905)

(Phot. Novaes).

Da esquerda para a direita, primeiro plano: — *S. M. El-Rei D. Carlos, Snr. Infante D. Affonso, S. M. a Rainha D. Maria Pia, S. M. a Rainha Alexandra, S. M. a Rainha D. Maria Amelia, condessa d'Autrim, miss Knollys, lady Bunsen, Principe Real D. Luiz Filippe.*
Segundo plano: — *Srs. conde de Figueiró, coronel Benjamin Pinto, D. Fernando de Serpa, Snr. Infante D. Manuel, Principe Carlos da Dinamarca, condessa de Figueiró, marquez de Soveral, conde de Sabugosa, marqueza de Unhão, madame Feijó, conselheiro Pereira de Miranda.*
Terceiro plano: — *Srs. J. de Mello, tenente-coronel Albuquerque, madame O'Reilly, condessa de Seisal, marqueza de Bellas, mr. Peel, sir Maurice Bunsen, ministro da Inglaterra; conselheiro Eduardo Villaça.*
Quarto plano: — *Srs. coronel Legge, coronel Dawes Telles, mr. O'Reilly, conde de Tarouca, Stonor.*
Quinto plano: — *Srs. major Garcia Guerreiro, Conde de Arnoso, tenente Mourcieff, visconde de Asseca, Mausen, Antonio Feijó, ministro em Stokolmo; conde da Ribeira Grande.*
Sexto plano: — *Srs. capitão Crysogono Pinto, Howard, conselheiro Pedro Victor, alferes Torquato Costa, alferes Sá Mello, tenente Riggs, conselheiro Gomes de Araujo, duque de Loulé, Icens Ferraz.*

Aspecto do largo das duas Egrejas. — As ornamentações

que póde fazer mover uma brigada de cavallaria ou uma força de artilheiros.

O povo portuguez associou se com certo enthusiasmo á visita do seu imperial hospede, foi como sempre gentil e por vezes enthusiasta, a colonia allemã acclamou ruidosamente e com grande calor o primeiro representante da sua patria, mas afóra essas acclamações, a recepção preparada a Guilherme II conservou-se dentro dos limites acanhados do mundo official. E' ainda muito para um principe de sangue, coronel honorario do exercito portuguez, mas é pouco, muito pouco, quasi nada para um homem que consegue ser em pleno seculo XX a maior figura da sua Historia.

Devia ter-se pensado que Guilherme II não viaja apenas como um principe rodeado de cortezãos, preso a todo o momento das acanhadas vississitudes da pragmatica, amarrado ao protocollo como qualquer diplomata burocratico. E' um *touriste* inteligente e illustrado, que se rodeia dos seus amigos e conselheiros, velhos militares, homens de estado, administradores e artistas, pensadores como elle, scientificos, e vem a bordo de um grande vapor alheiado, como é seu desejo constante e sempre manifestado, da etiqueta e das ceremonias convencionaes, todo entregue ao convivio de homens de estudo e de caracter, de observadores e de criticos. Por isso, a recepção da côrte deveria ter aberto para elle, certas excepções que sem desdouro para o que se julga ser o immaculado brilho official, lhe desse, ainda que pallidamente, o conhecimento de alguns homens. Não se pensou em tal, e a chronica lamenta o sobretudo pelo paiz.

Clichés Benoliel.

No dia da chegada 22-3-1905. Aspecto do Chiado. — As ornamentações

Nas regiões aristocraticas parece haver sempre uma certa reserva para os que não vivem n'ellas, como se um paiz podesse concentrar-se todo entre as paredes de um salão, e d'ahi a absorpção completa tentada pelos aulicos palacianos de toda a representação do paiz, que não é positivamente uma monarchia absoluta e que pelo contrario tem leis liberaes pelas quaes se rege, e que collocam o poder executivo logo apoz o moderador e o legislativo em seguida. Essa falta que no viver quotidiano, se não faz sentir muito, pelo habito em que todos estamos e cada um, de per si, em não se incommodar com o que se julga serem futilidades,

O IMPERADOR DA ALLEMANHA EM LISBOA

Chegada a Lisboa em 27-3-1905. — El-Rei D. Carlos e Imperador Guilherme II no coche D. João V

Visita a cavallaria 4, de que o Imperador é coronel honorario. Guilherme II, El-Rei e Mousinho de Albuquerque, actual commandante do regimento. — (Dia 28)

No hyppodromo. Os dois monarchas assistindo aos exercicios no dia 28

adquire nas occasiões solemnes uma importancia que se não pode nem deve negar. A culpa é de todos, sem ser d'este ou d'aquelle, mas a culpa é especialmente dos governantes que uma vez no poder, offuscados ao que parece pelo cortezanismo, esquecem, embriagados com a sua situação temporariamente palaciana, o que devem ao logar que exercem e á propria dignidade pessoal. Não vale

Familia Imperial Allemã

Principe herdeiro Frederico Guilherme — Augusta Victoria
Principe E. Frederico — Principe Augusto
Principe Adalberto — Guilherme II
Principe Joaquim — Princeza Victoria
Principe Oscar

a pena entrar em minucias que todos conhecem, e se ligeiramente lhes fazemos referencia é apenas n'um direito indeclinavel de criticos. Alguem se encarregará por certo de dizer ao Imperador da Allemanha que em Portugal ha homens que poderiam ter feito a cada um dos personagens do seu sequito, officiaes e officiosos, um acolhimento condigno, que ha estadistas e escriptores, artistas e scientificos, professores, cultores emeritos de todas as manifestações do pensamento humano, que temos n'uma academia das sciencias as maiores notabilidades da litteratura e da sciencia, que regendo cadeiras do professorado encontram-se scientificos de alto valor, que a Academia das Bellas Artes se compõe de alguns dos artistas mais celebres e de maior renome, que ha poetas, oradores, dramaturgos, actores, economistas e que se as suas sobrecasacas não são tão elegantes, são mais possantes os seus cerebros. E que o não digam, elle o terá comprehendido por certo e d'essa comprehensão são prova as particulares attenções com que distinguiu, no banquete da Legação Allemã, alguns homens que só lá poude conhecer, e em toda a parte onde o encontrou, o illustre diplomata que representa o nosso paiz na côrte de St. James.

O Marquez do Soveral é hoje entre os diplomatas de todo o

Os exercicios no hyppodromo em 28. — Principe Real, fardado de alferes

mundo, uma individualidade distinctissima, honra e gloria do seu paiz. Conhecia-o já o Imperador Guilherme que, na sua visita a Lisboa, se esmerou em distinguil-o com amabilidades que podem ter dispertado invejas mesquinhas, mas que são motivo especial de satisfação para todo o bom patriota. Se com outros homens por egual notaveis e ainda de maior valor intelectual do que o nosso habilissimo diplomata, se dessem as mesmas circunstancias de antigo conhecimento, Guilherme II teria tido tambem o cuidado de os arrancar da sombra e de os trazer para o primeiro plano do grande tablado onde elle figurou durante quatro dias, como Imperador, como *touriste*, e como pensador. E' que esse juvenil soberano cuja actividade assombra o mundo é no sentir de todos e no proprio dizer do primeiro Magistrado da França: — um homem. N'uma epocha em que abundam os pigmeus, essa phrase é o retrato mais bello que se póde fazer de alguem, sobretudo quando esse alguem é o Imperador da Allemanha.

Henrique Daehnardt

Consul geral da Allemanha em Lisboa

LOURA E BRANCA

I

Loura e branca, de lirio na brancura
Parece filha d'um pincel divino!...
A gente, ao vêl-a, lembra-se de Urbino,
Tem impetos de pôr-lhe uma moldura.

Um garbo de velhice prematura
Nevou de leve a coma d'ouro fino...
Meneio e gesto languido e felino,
Firme e correcta a linha da cintura.

Não sei quem fez d'aquillo um ser humano!
Sanzio, juntando um resplendor de aurora,
Faria a *estancia* de seu genio ufano!

Dante... não sei o que faria agora;
Mas Virgilio se a visse, o Mantuano,
Fazia a Deusa que minh'alma adora!...

II

Eleva-me, arrebata-me os sentidos
Se a vejo ou se a contemplo um só momento!
De seu passo o mais leve movimento
Echôa como um canto em meus ouvidos.

Ouço-lhe as fórmas, n'um deslumbramento,
A sonata do bello; e nos rugidos
Da cambraia e do linho dos vestidos
Vibram accordes de acompanhamento.

Todo seu corpo musical e adórnos,
Na cadencia d'um rythmo que embala,
Estrugem na harmonia dos contórnos!...

Caminha! — e o canto unisono trescala,
Como por noites de languores mórnos,
Toda a volupia d'um luar de opala!...

FONTOURA XAVIER.